



REPRESENTAÇÃO FEMININA EM DICIONÁRIOS: ANÁLISE SEMÂNTICO-COGNITIVA DO VERBETE *MULHER* EM DICIONÁRIOS TIPO 4¹

FEMALE REPRESENTATION IN DICTIONARIES: A COGNITIVE SEMANTIC ANALYSIS OF THE ENTRY *MULHER* [WOMAN] IN TYPE 4 DICTIONARIES

Ana Flávia Souto de Oliveira²

Resumo: Neste trabalho, analisamos o verbete *mulher* nos quatro dicionários Tipo 4 selecionados pelo MEC no PNLD/Dicionários (2012) com o objetivo de avaliar a representação feminina contida nessas obras direcionadas ao público aprendiz de Ensino Médio. Com base no aporte teórico da Semântica Cognitiva, identificamos os modelos cognitivos e os *frames* evocados pelo item *mulher* em ocorrências extraídas de um *corpus* para, então, contrastar esses modelos de entendimento com as informações contidas nos verbetes dos dicionários: as acepções, as marcas de uso, os exemplos e a própria redação das definições. Nossos resultados apontam que os dicionários avaliados apresentam uma rede léxico-conceptual que reproduz características estereotipadas nos verbetes de *mulher* e conceptualizações que estão em desacordo com os papéis sociais e as expectativas atuais sobre a representação feminina.

Palavras-chave: *mulher*; semântica cognitiva; lexicografia.

Abstract: The present paper aims at analyzing entries of the lexical item *mulher* [woman] extracted from Type 4 dictionaries recommended by the Brazilian Education Ministry official document PNLD – Dicionários (2012) [Brazilian Textbook Program – Dictionaries]. The main goal is to evaluate female representation in these dictionaries, which are targeted to high school users. Departing from a cognitive-semantic view of meaning, cognitive models and frames evoked by *mulher* were identified based on occurrences extracted from a corpus and were then compared to the semantic information contained in the entries: senses, usage labeling, examples, and the wording of definitions. The analysis shows that the dictionaries evaluated present a lexical-conceptual network that reproduces stereotypical attributes and conceptualizations that are not in accordance to the social roles and current expectations related to female representation.

Keywords: *mulher* [woman]; cognitive semantics; lexicography.

1 INTRODUÇÃO

Os dicionários são repertórios linguísticos que apresentam as palavras e os significados socialmente sancionados em uma comunidade linguística, sendo um

1 Agradeço o auxílio da acadêmica Juliana Michelon Ribeiro (Licenciatura em Letras – Inglês – UFSM) na coleta e organização das informações dos verbetes dos dicionários avaliados neste trabalho. Agradeço também aos pareceristas pela leitura atenta e pelos comentários e sugestões de reescrita, que tornaram o texto mais claro e acurado.

2 Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil. ana.oliveira@ufsm.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0248-3870>

repositório de conhecimento sobre o léxico ao qual os consulentes recorrem para sanar dúvidas com relação à língua e a seu uso. Mesmo que, atualmente, diversos projetos lexicográficos já contem com a utilização de grandes *corpora* para a compilação de dados³, o registro que essas obras fazem dos usos linguísticos apresenta características particulares.

Por um lado, há uma certa defasagem natural que essas obras de referência apresentam com relação aos usos reais, pois, geralmente, palavras e usos específicos precisam ser empregados por alguns anos até que passem a integrar a *nominata*⁴ de uma obra lexicográfica. É comum, por exemplo, que, ao se pesquisar por termos de uso mais recente (como *bolsominion*, que conta com mais de 500 mil ocorrências na ferramenta de busca do *Google*) ou acepções inovadoras (como *laranjal* com o significado “muitas candidaturas de fachada”⁵), eles não sejam encontrados nos dicionários⁶.

Outra questão importante diz respeito às acepções que os dicionários apresentam, abstrações de uma infinidade de usos que permitem um registro de caráter convencional, geralmente mais genérico. Uma acepção, assim, deve ter um caráter abrangente que, muitas vezes, deixa de incorporar não somente os usos criativos e inovadores que os itens lexicais apresentam na fala cotidiana (o que já seria esperado), mas também aquelas instâncias que fogem ao centro prototípico de aplicação do item em questão.

Um exemplo marcante desse descompasso entre língua e uso e seu reflexo para os dicionários é o caso do verbete *casamento*, cuja mudança social levou os redatores de alguns dicionários a alterarem a redação do verbete (impulsionados, inclusive, por certa pressão social⁷). O dicionário *Michaelis* (1998), por exemplo, que antes apresentava “união legítima entre homem e mulher” como primeira acepção de *casamento*, agora apresenta “ato solene de união entre duas pessoas”, sendo vago com relação ao gênero dos envolvidos.

Dessa forma, casos que antes eram considerados periféricos para o entendimento de *casamento*, dadas a discriminação sofrida por casais homoafetivos e a impossibilidade de registro oficial da união mantida entre pessoas do mesmo sexo, passaram a ser mais salientes, finalmente, culminando na aprovação da resolução sobre casamento civil entre pessoas do mesmo sexo e na alteração do verbete. Com a mudança na redação da acepção, o centro prototípico da categoria foi ampliado, refletindo, na linguagem, uma luta de cunho social.

Esse panorama de tensão entre o conteúdo do dicionário e as questões sociais apontadas demonstra a importância da relação entre a língua e o mundo para o significado lexical e indicam que os dicionários funcionam, assim, como um repositório de memória e expressão acerca de determinado conceito. Nesse sentido, Pontes e Santos (2014) salientam que:

3 Na lexicografia de língua inglesa, a utilização de *corpus* eletrônico para a compilação de dicionários já é senso comum. No Brasil, alguns projetos já partem de *corpus*, como o pioneiro *Dicionário de Usos do Português do Brasil* (2002).

4 *Nominata* ou *macroestrutura* diz respeito ao conjunto das entradas (ordenadas) apresentadas pela obra (HARTMANN, R. R. K.; JAMES, G, 1998).

5 Apenas o primeiro uso foi encontrado no *Dicionário Informal*, obra colaborativa que geralmente recobre usos mais informais e atuais da língua. Em dicionários mais tradicionais online, como o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (PRIBERAM, n.d.), o *Aulete Digital* (AULETE; VALENTE, 2006) e o *Michaelis* (MICHAELIS ONLINE, 2009), nenhuma das formas é apresentada.

6 Os observatórios de neologismos são responsáveis pelo mapeamento e acompanhamento desses novos usos.

7 Ver, por exemplo, matéria do site G1 sobre a petição que resultou na mudança do verbete: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/07/dicionario-michaelis-muda-verbete-de-casamento-apos-pressao-online.html>

o léxico de uma comunidade não só deixa transparecer suas características culturais como também contribui para a formação e manutenção das mesmas numa relação dialética. Portanto, os usos que uma comunidade faz da linguagem são representativos de sua cultura, aqui entendida como os valores, crenças e costumes de um grupo sociocultural, bem como sua organização social e política. (PONTES; SANTOS, 2014, p. 127)

Inversamente, os dicionários podem contribuir para perpetuar preconceitos, por exemplo, “através da forma específica como o lexicógrafo descreve determinadas unidades, o que se nota através das escolhas que faz e das palavras que usa na sua descrição” (CORREIA, 2006, p. 156). Em uma análise de unidades que designam conceitos relacionados à raça e/ou etnia em dicionários do português europeu, Correia (2006) aponta que tais preconceitos podem se manifestar na definição propriamente dita, com a utilização de termos não neutros em sua redação, na escolha de exemplos e abonações para as acepções e na falta de marcação para usos pejorativos.

A não neutralidade do discurso lexicográfico é abordada por Krieger (1995) através da avaliação do verbete *mulher* em seis dicionários de língua portuguesa, publicados entre 1899 e 1992. A autora destaca que o dicionário, entendido como um texto de natureza metalinguística, funciona como uma instância de legitimação do léxico, sendo que esse tipo de obra apresenta “um conjunto de mecanismos que provocam efeitos de neutralidade⁸” (KRIEGER, 1995, p. 217) que colaboram para a “imagem de discurso competente, anônimo e imparcial” (KRIEGER, 1995, p. 222).

Krieger (1995, p. 218) defende que nos verbetes de *mulher* analisados há, por um lado, “posições de um macrossujeito coletivo” – ilustradas pelo entendimento da mulher enquanto ser (“pessoa do sexo feminino”) e na apresentação dos papéis que a mulher assume na vida social (esposa e prostituta) – e, por outro lado, marcas nos enunciados definitórios que apontam para posições da “ordem do dizer individual”, como, na definição de mulher enquanto ser, ela estar categorizada como *fêmea* do homem, e não como *indivíduo* do sexo feminino.

Pontes e Santos (2014) atestam a manutenção dessas concepções ao avaliar os verbetes *homem* e *mulher* presentes no DUP (2002)⁹. Em sua análise, os autores constataam que as definições e os exemplos de uso contidos no dicionário retratam a mulher em termos de anatomia e dos papéis sociais de mãe e esposa, enquanto há uma “exaltação da figura masculina, definido (sic.) igualmente em termos de sua anatomia, papéis sociais e características psicológicas” (PONTES; SANTOS, 2014, p. 123).

Tendo em vista o caráter enciclopédico e perspectivador do significado linguístico (GEERAERTS, 2006)¹⁰, e seguindo a orientação teórica da semântica cognitiva lexical, este trabalho se propõe a avaliar a rede léxico-conceptual do verbete *mulher* nos quatro dicionários Tipo 4 selecionados pelo Ministério da Educação (MEC) no PNLD/Dicionários (BRASIL, 2012). Nosso objetivo é examinar a representação feminina contida nessas obras através da identificação dos diferentes modelos cognitivos e das cenas de entendimento trazidos pelos dicionários para a caracterização semântica de *mulher*.

8 Possivelmente, o principal desses mecanismos é materializado nos dicionários através do apagamento do sujeito enunciativo na estrutura do verbete.

9 Obra “elaborada com base em textos originais, produzidos e consumidos no Brasil, da segunda metade do século XX” (PONTES; SANTOS, 2014, p. 132).

10 Essa visão será desenvolvida na seção 3 deste trabalho.

A escolha pela análise dessas obras justifica-se pelo fato de que os dicionários Tipo 4¹¹ são de publicação relativamente recente (com edições de 2011) e, em sua maioria, recorrem a *corpora* de referência para sua compilação, assim, “reivindicam atualidade e rigor lexicográficos” (BRASIL, 2012, p. 35). Além disso, esses dicionários estão voltados para um público que, de acordo com documentos oficiais (BRASIL, 2018)¹², deve desenvolver competências e habilidades linguísticas que permitam identificar e compreender questões ideológicas e relações de poder mantidas pela e através da linguagem.

Na próxima seção, é apresentada uma descrição dos dicionários Tipo 4 de acordo com o público e a função definidos pelo PNLD – Dicionários (BRASIL, 2012). Em seguida, exploramos a visão de significado lexical da Semântica Cognitiva, através dos Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987) e da Semântica de Frames (FILLMORE, 1982).

Na seção 4, explicitamos de forma mais detalhada a metodologia de avaliação, que parte de ocorrências de uso coletadas no *Corpus Brasileiro* (SARDINHA; MOREIRA FILHO; ALAMBERT, 2010) e busca dar conta tanto de uma perspectiva de análise que parte da forma para os significados (semasiológica), quanto de um viés que vai do conceito para as designações (onomasiológico).

Em seguida, apresentamos a análise dos modelos cognitivos e *frames* necessários para o entendimento de *mulher* e seu contraste com os verbetes trazidos pelos quatro dicionários. Finalmente, na última seção, destacamos o desacordo entre as informações semânticas apresentadas pelos verbetes e as expectativas atuais sobre a mulher, refletindo na linguagem tensões de caráter extralinguístico.

2. OS DICIONÁRIOS TIPO 4

Em 2001, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) (re)inseriu em seu processo de avaliação as obras lexicográficas destinadas ao público escolar, com posteriores avaliações em 2004, 2006 e 2012 (TEIXEIRA, 2021)¹³. Esse fato demonstra o destacado papel da utilização desses recursos no ensino de língua materna e reforça o caráter de precisão e autoridade já atribuído aos dicionários. Um tipo particular de dicionário, que segundo Humblé (2011) é um fenômeno quase exclusivo da tradição lexicográfica brasileira, é o dicionário monolíngue pedagógico para crianças, ou dicionário escolar: obra utilizada como instrumento de apoio na aprendizagem de língua materna.

No PNLD – Dicionários (BRASIL, 2012), as obras estão divididas em quatro tipos, cada um referente ao nível de habilidade linguística do consulente e à etapa formal de ensino da língua¹⁴ em que ele se encontra. Os dicionários Tipo 4 são obras direcionadas

11 É relevante destacar que, “do ponto de vista do seu porte e dos objetivos visados, todos eles procuram aproximar-se do *dicionário padrão*” (BRASIL, 2012, p.35).

12 Mesmo que a BNCC seja um documento de 2018 e o PNLD – Dicionários tenha sido publicado em 2012, consideramos o conteúdo de ambos para a delimitação do que se espera desse tipo de obra. Cabe destacar, inclusive, que Ergon Rangel, responsável pela elaboração do PNLD – Dicionários, é um dos leitores críticos da versão final da BNCC do Ensino Médio.

13 Para um estudo detalhado sobre lugar dos dicionários nas políticas públicas de avaliação de livros didáticos, cf. Teixeira, 2021. Nessa tese, a autora avalia o dicionário com relação aos “modos como é significado pelas políticas públicas devido aos critérios de avaliação estabelecidos pelo Estado” (TEIXEIRA, 2021, p. 26).

14 Para uma análise da relação entre a Lexicografia e os documentos oficiais que regem o ensino de língua portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental, ver Brangel (2013).

ao público aprendiz do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, que dão conta das necessidades dos consulentes desta etapa de aprendizagem da língua portuguesa. Segundo o mesmo documento (BRASIL, 2012), com relação à extensão da macroestrutura, essas obras devem apresentar um mínimo de 40 mil e um máximo de 100 mil verbetes, buscando fornecer ao consulente informações mais aproximadas às que são encontradas em um “dicionário padrão”, mas adequadas à etapa de ensino, inclusive, no caso dos dicionários Tipo 4, focada no ensino profissionalizante.

Assim, tais obras deveriam apresentar informações que auxiliassem tanto em tarefas de compreensão (a partir da forma, apresentar os significados) quanto em tarefas de produção (informações relacionadas, por exemplo, à seleção de um item lexical específico em determinado contexto e a suas restrições de uso). Nesta fase de aprendizagem da língua, recaindo o foco sobre a produção textual, o dicionário deveria fornecer informações que permitissem diferenciar os itens lexicais e identificar nuances semânticas. Segundo o documento, as obras deveriam apresentar informações:

por meio de rubricas ou marcas de uso, o domínio a que a palavra entrada ou uma de suas acepções está associada, assim como o nível de linguagem envolvido: formal; informal; coloquial; pejorativo; chulo... Vocábulos ou acepções regionais também são indicados. (BRASIL, 2012)

Finalmente, seria esperado que esses dicionários apresentassem acepções em sintonia com os usos atuais e sincrônicos dos itens lexicais, pois, segundo o próprio PNLD – Dicionários, “o *Dicionário Unesp*, o *Novíssimo Aulete* e o *Houaiss conciso* recorrem a *corpora* de referência e se organizam de acordo com técnicas rigorosas de recolha e processamento de vocábulos” (BRASIL, 2012, p.35).

Na Imagem 1, são apresentados os dicionários Tipo 4 selecionados pelo PNLD:

Imagem 1. Dicionários Tipo 4 PNLD – Dicionários

Os títulos selecionados foram os seguintes:

1. BECHARA, Evanildo. *Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. [51.210 entradas (verbetes e locuções)]
2. BORBA, FRANCISCO S. *Dicionário Unesp do português contemporâneo*. Curitiba: Piá, 2011. [58.237 verbetes]
3. GEIGER, Paulo (org.). *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011. [75.756 verbetes]
4. HOUAISS, Antônio (org.) & VILLAR, Mauro de Salles (ed. resp.). *Dicionário Houaiss conciso*. São Paulo: Moderna, 2011. [41.243 verbetes]

Fonte: PNLD – Dicionários (BRASIL, 2012, p.35)

Complementarmente, é possível identificar ao menos duas habilidades elencadas pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) para o Ensino Médio, área de Linguagem e suas Tecnologias, pertinentes para a análise proposta neste trabalho. Mesmo que o documento não faça menção ao uso de dicionários nessa etapa escolar, é possível fazer uma relação da presente discussão com as seguintes habilidades:

Analisar visões de mundo, conflitos de interesse, preconceitos e ideologias presentes nos discursos veiculados nas diferentes mídias, ampliando suas possibilidades de explicação, interpretação e intervenção crítica da/na realidade (BRASIL, 2018, p. 491).

Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias (BRASIL, 2018, p.493).

Dadas as mudanças nas práticas sociais ocorridas nas últimas décadas, seria de se esperar algum tipo de alteração nos verbetes de *mulher* em comparação com os resultados apresentados por Krieger (1996) e Pontes e Santos (2014)? Por fim, é importante frisar que seria possível desenvolver tais habilidades, inseridas em práticas de linguagem de todos os campos de atuação social através de atividades que contemplem não somente a utilização do dicionário como obra de referência, mas também análises críticas de verbetes de dicionários.

3. SEMÂNTICA COGNITIVA E O SIGNIFICADO

Para a Linguística Cognitiva, a linguagem é uma forma de organizar, armazenar e transmitir informação semântico-pragmática (GEERAERTS, 2006). Vista como parte de uma cognição ampla, não modular, a linguagem é uma capacidade mental que sofre influência de processos cognitivos gerais, como a categorização e a metáfora.

A linguagem serviria, assim, como forma de acesso aos processos cognitivos, pois ela reflete padrões de pensamento. Como exemplo, podemos considerar as sentenças¹⁵ abaixo:

Ele lutou contra a doença durante oito meses.

Atriz e apresentadora perdeu a luta contra o câncer neste domingo, aos 60 anos.

Antivirais, os fármacos que são capazes de combater vírus, são raros e muito específicos.

Vitoriosa na batalha contra o câncer, primeira-dama da TV badala com o publicitário e Tici.

Todas essas sentenças são atualizações linguísticas da metáfora conceptual DOENÇA É INIMIGO, em que o domínio alvo (DOENÇA) é entendido em termos de um domínio fonte (INIMIGO). Sistemáticamente, a estrutura do domínio mais concreto fornece estrutura para o entendimento do domínio mais abstrato (LAKOFF; JOHNSON, 1980): falamos de doenças em termos de inimigos porque pensamos dessa forma, para fazer sentido do mundo.

Além disso, a Linguística Cognitiva é uma perspectiva baseada no uso, pois defende que o que existe na comunicação humana é o uso linguístico, sendo, por exemplo, o material apresentado num dicionário uma abstração de diversas instâncias de uso. Consequentemente, o significado apresenta uma natureza semântico-pragmática, pois é sempre situado e enciclopédico. O clássico exemplo de Fillmore (1982) de *breakfast* [café da manhã] pode ilustrar essa afirmação. Mesmo que, para um falante de português do Brasil, o termo tenha como possível definição “primeira refeição realizada pela manhã”, em cada um dos usos abaixo¹⁶, diferentes aspectos do termo estão em relevo para a construção do significado.

O restaurante serve café da manhã o dia todo.

Pedro sai do trabalho como vigia às 8h e come macarrão de café da manhã.

Depois de virar a noite trabalhando, acordei às 14h e tomei um belo café da manhã.

15 Sentenças extraídas da ferramenta de busca Google.

16 Sentenças criadas pela autora.

Na primeira sentença, é possível depreender que um restaurante que serve café da manhã durante todo o dia é aquele que disponibiliza um menu típico de café da manhã a qualquer horário do dia. No segundo exemplo, o que está em questão ao se referir à refeição realizada por Pedro deixa de ser o cardápio e passa a ser o horário em que ele a realiza. Finalmente, na última sentença, o que define a utilização do termo é o conhecimento de que fazemos, durante o dia, uma certa quantidade de refeições e a primeira é a que chamamos de *café da manhã*.

Para que haja a compreensão desses usos, é necessário, assim, lançar mão de uma gama de conhecimentos que não são exclusivamente linguísticos, mas que têm um caráter enciclopédico. Os possíveis significados de *café da manhã* são, desse modo, construídos e modulados com relação aos seus contextos de uso.

As palavras, como consequência, não possuem significado estanque, mas fornecem acesso à construção do significado, à conceptualização (GEERAERTS, 2006). A manchete de uma reportagem publicada pelo site *The Intercept Brasil* sobre a jovem Alanys Matheusa apresenta a seguinte informação: “Primeira advogada trans negra do MS: ‘Todo mundo gosta de travesti na esquina, não na universidade’”. Para compreender a fala de Alanys, é necessário acessar o conhecimento que temos sobre transexuais, a informação de que por muito tempo esse grupo foi e ainda é alijado de direitos, sendo identificado, muitas vezes, à prostituição. Além disso, é preciso acessar conhecimento acerca do ensino superior e sobre as pessoas que geralmente têm acesso à educação universitária. Nossa experiência e conhecimento de mundo nos dizem que poucas são as pessoas transexuais que conseguem realizar um curso superior, sendo um grupo não esperado em tal ambiente. Finalmente, é necessário saber do forte preconceito enfrentado por transexuais no Brasil.

Essas estruturas estáveis de conhecimento sobre universidades, prostituição e pessoas transexuais servem de pano de fundo para os processos cognitivos responsáveis pelo entendimento da sentença de Alanys. Na Linguística Cognitiva, tais estruturas podem ser entendidas em termos de domínios, *frames* (FILLMORE, 1982) e modelos cognitivos idealizados (LAKOFF, 1987).

Segundo Fillmore, os *frames* são “sistemas de conceitos que se relacionam de maneira que, para compreender um deles, é necessário que se entenda toda a estrutura na qual ele se encaixa” (FILLMORE, 1982, p. 111). Tais estruturas, armazenadas em nossa memória de longo prazo, surgem de experiências cotidianas e dão suporte para o entendimento linguístico. O significado de uma palavra não pode, desse modo, ser compreendido independentemente do *frame* ao qual ela está associada. Podemos considerar, assim, que essa noção parte de uma perspectiva onomasiológica, pois, com base em determinada cena de experiência, organizamos e relacionamos os elementos que dela participam.

Fillmore (1982), ao avaliar um grupo de verbos relacionados a julgamento, defende que tais verbos só podem ser compreendidos a partir de uma cena prototípica em que há alguém que expressa um juízo de valor acerca de outra pessoa ou situação (o Juiz), uma pessoa sobre a qual recai a avaliação do Juiz (o Réu) e a situação relevante à avaliação do Juiz (a Situação). Assim, verbos como *accuse*, *criticize* e *blame* organizam essa cena da experiência e relacionam seus elementos e participantes de forma particular.

Nesse sentido, é possível afirmar que “a linguagem fornece várias formas de categorizar situações, seus participantes e características e as relações entre eles” (VERHAGEN, 2007, p. 48-9). Langacker (2007, p. 435) utiliza a noção de *perspectivação conceptual* [*construal*¹⁷] para dar conta dessa característica, pois um

17 Segundo Verhagen (2007, p. 48), esse é um termo geral para “as diferentes maneiras de se perceber uma situação específica”.

aspecto fundamental para o significado de uma expressão diz respeito à maneira como tal conteúdo é construído. Isso porque expressões com o mesmo conteúdo denotacional podem apresentar sentidos distintos.

Por exemplo, mesmo que uma situação particular possa evocar uma representação razoavelmente neutra – como num caso em que temos Produtores Rurais utilizando um Produto contra Praga/Patógeno/Planta Invasora em determinado Vegetal que será consumido por um Consumidor – é possível utilizar as expressões¹⁸ abaixo para descrever tal cena:

*Eles estão utilizando **defensivo agrícola** na plantação de alface.*

*Eles estão utilizando **pesticida** na plantação de alface.*

*Eles estão utilizando **agrotóxico** na plantação de alface.*

*Eles estão utilizando **veneno** na plantação de alface.*

Para Langacker, a diferença semântica recairia sobre o que a expressão se refere: no exemplo (1), a expressão se refere à proteção da lavoura fornecida pelo produto; no exemplo (2), ao poder do produto de agir contra pestes/pragas; no exemplo (3), à toxicidade do produto como forma de ação contra a praga; e, no exemplo (4), à toxicidade do produto com relação ao consumidor final e seu possível impacto na saúde. Consequentemente, podemos afirmar que expressões semanticamente distintas podem refletir uma perspectivação conceptual alternativa da cena, sendo, ainda assim, todas compatíveis com suas propriedades objetivamente dadas (LANGACKER, 2007).

O mesmo exemplo pode ilustrar o que Gonçalves-Segundo (2017) afirma sobre a relação entre perspectivação conceptual e ideologia. Nas palavras do autor, é necessário

pensar em que medida a ideologia favorece determinadas perspectivações conceptuais e em que medida ela é sustentada e reproduzida por perspectivações hegemônicas ou ainda confrontada e transformada por perspectivações alternativas, como formas de resistência. Em outros termos, é importante questionar-se acerca do caráter sócio-histórico e cultural de determinadas perspectivações conceptuais. (GONÇALVES-SEGUNDO, 2017, p. 74)

Portanto, é possível ainda afirmar que a utilização de cada uma das expressões dependerá do *frame* com relação ao qual o falante caracteriza a utilização desse produto.

Na tentativa de dar conta de configurações mais amplas de conhecimento enciclopédico elencadas para a compreensão, Lakoff (1987) propõe seu entendimento dentro de Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs). Segundo o autor, os MCIs são estruturas de conhecimento ricas em detalhe que utilizamos para compreender e estruturar informações sobre o mundo. Contudo, tais modelos não são necessariamente precisos, pois “eles podem ser definidos com relação a circunstâncias idealizadas, e não a circunstâncias como elas existem de fato” (LAKOFF, 1999, p. 393).

Com relação ao substantivo *bachelor* [solteiro/solteirão], por exemplo, Lakoff (1999) aponta que a definição “ser humano adulto do sexo masculino não casado” só se mantém num modelo de sociedade monogâmica com casamento e expectativas sobre a idade apropriada para a união. Tal entendimento idealizado não apresenta qualquer informação acerca de padres, homossexuais ou homens não casados com relações estáveis¹⁹. Assim, a incompatibilidade entre o MCI que dá sustentação ao entendimento de *bachelor* e os MCIs utilizados para a compreensão dos casos citados é o que originaria uma dificuldade demarcatória nessa categoria.

18 Sentenças criadas pela autora.

19 Obviamente, muitos fatos do mundo se alteraram desde as propostas de Lakoff, conforme discutiremos no exemplo de *mother*. Isso influencia a configuração das categorias em discussão.

Segundo Lakoff (1987, p. 74), modelos agrupados [*clustered models*] também são importantes para esses efeitos, pois convergem e formam um modelo complexo que, coletivamente, seria “mais básico que os modelos considerados de modo individual”. Lakoff avalia a categoria *mother* [mãe] e destaca que, a partir de modelos individuais de mães (a pessoa que dá à luz, a que fornece material genético, a que cuida da criança, a esposa do pai etc.), surge um modelo complexo que combina esses diversos modelos de entendimento. Assim, embora o modelo de nascimento (mãe é a mulher que deu à luz) pareça ser o modelo padrão para compreender o conceito, ele não é capaz de dar conta de todos os casos de forma isolada.

Além disso, o estereótipo *housewife mother* [mãe dona de casa] surge nessa categoria através de um processo metonímico, pois essa subcategoria do agrupamento acaba por representar a categoria de uma forma geral, servindo como ponto de referência para o reconhecimento, comparação e raciocínio quando toda a categoria está em questão.

É importante destacar que ambas as teorias consideram a experiência e a cultura como pontos fundamentais para a compreensão e utilização dessas categorias, estando inclusive sujeitas a mudanças. Como ilustração, é possível pensar que, hoje, uma mulher pode fornecer o óvulo (material genético), que é fecundado pelo esperma de um doador e implantado no útero de uma outra mulher (que dará à luz), podendo, nesse caso, ambas as mulheres ser oficialmente consideradas mães da criança que nasce. Dessa forma, o modelo conjugal (mãe esposa do pai) parece já ser bastante periférico para o entendimento do conceito de mãe. Isso demonstra que o significado é flexível, mutável e dependente de estruturas de conhecimento, que nem sempre estão de acordo com a realidade.

4. METODOLOGIA

Neste trabalho, partimos da busca pelo item lexical *mulher* no *Corpus Brasileiro* (SARDINHA; MOREIRA FILHO; ALAMBERT, 2010), disponível através do repositório *Linguateca*. Consideramos, nesta análise, as primeiras 400 ocorrências, fornecidas pela ferramenta de busca de forma randômica.

Com o intuito de contrastar as ocorrências de uso com as acepções apresentadas pelos dicionários, coletamos os verbetes de *mulher* nos quatro dicionários Tipo 4 selecionados pelo PNL D – Dicionários (BRASIL, 2012), citados conforme o Quadro 1:

Quadro 1. Forma de citação dos dicionários avaliados

Dicionário	Referência
<i>Dicionário de língua portuguesa Evanildo Bechara</i>	Bechara (2011)
<i>Dicionário Unesp do português contemporâneo</i>	Borba (2011)
<i>Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa</i>	Aulete (2011)
<i>Dicionário Houaiss conciso</i>	Houaiss (2011)

Fonte: elaborado pela autora.

As acepções apresentadas nos verbetes de cada obra foram organizadas em uma tabela e dispostas de modo que fosse possível comparar quais delas continham definições equivalentes. Com relação a uma análise semasiológica, foram consideradas as definições, incluindo marcas de uso e as nuances semânticas da própria redação das definições, além das sentenças exemplo²⁰, quando estas eram fornecidas pela obra. De

20 Segundo Correia (2006, p. 169), os exemplos e as abonações são “grandes veiculadores de preconceitos no discurso lexicográfico”.

uma perspectiva onomasiológica, foram identificados os modelos cognitivos e os *frames* evocados por cada conjunto de acepções equivalentes.

Os modelos cognitivos e os *frames* evocados pelo item *mulher* nas ocorrências do *corpus* foram contrastados com as informações contidas nas obras. Quando pertinente, as informações foram complementadas pela comparação com os verbetes de *homem* presentes nos mesmos dicionários.

Na próxima seção, são apresentados os resultados de tal análise.

5. OS MODELOS DE MULHER E OS DICIONÁRIOS TIPO 4

O primeiro *frame* identificado nas ocorrências extraídas do *Corpus* Brasileiro foi o que chamamos de *Biológico*. Com base nas sentenças, é possível perceber que o que está em questão nos usos geralmente diz respeito à anatomia, ao corpo e à reprodução, como nos seguintes exemplos:

Desta maneira, ao contrário do que acontece na mulher, a história reprodutiva masculina prévia não apresenta critérios definitivos para sua capacidade reprodutiva atual
Sem esvaziamento adequado da mama, a mulher tende a produzir menos leite, o que pode resultar em necessidade de suplementação láctea da criança, podendo culminar com desmame precoce

As acepções apresentadas pelas obras são sistematizadas no Quadro 2. A partir das definições, percebe-se que a mulher é entendida enquanto “animal mamífero do sexo feminino”, em que o que está em questão é o sexo biológico. As obras apresentam duas nuances para esse significado: “mamífero do sexo feminino/fêmea” e “adulto do sexo feminino”.

Quadro 2. Acepções de *mulher* referentes ao *frame Biológico*, destaque nosso

Aulete (2011)	Bechara (2011)	Borba (2011)	Houaiss (2011)
<p>1. Mamífero do sexo feminino da esp. <i>Homo sapiens</i>, de postura vertical, dotado de inteligência e linguagem articulada: <i>Há mais mulheres do que homens no mundo</i></p> <p>3. Pessoa do sexo feminino, em oposição a homem</p>	<p>1. Indivíduo do sexo feminino; fêmea</p>	<p>1. Ser humano do sexo feminino: <i>Está nascendo mais mulher do que homem</i></p>	<p>1. Ser humano do sexo feminino</p>

Fonte: elaborado pela autora.

Cabe destacar que, nos dicionários, não há qualquer menção ao submodelo *Gênero*, visto que o item *mulher*, em todas as obras, é definido em termos puramente biológicos. Contudo, no *corpus*, encontram-se usos como:

Nasceu mulher, foi batizado como mulher, mas diz que desde os primeiros anos de vida se sentia homem

O que permite um uso desse tipo é justamente a existência de outro modelo cognitivo que fornece o material de base para o entendimento, um modelo em que os itens *mulher* e *homem* são perspectivados em termos de gênero e não somente em termos de sexo biológico.

Com relação à acepção apresentada em Bechara (2011), é interessante destacar que há uma equivalência sugerida pela obra na segunda parte da definição, em que o item *mulher* é apresentado como sinônimo de *fêmea*. Ao se buscar por *homem* nesse mesmo dicionário, nota-se que há uma falta de simetria, pois *homem* não é equacionado a *macho* da mesma forma que *mulher* é equacionada à *fêmea* em um modelo Biológico. *Macho*, nos dicionários, evoca um *frame* relacionado ao estereótipo, ao comportamento e aos atributos socialmente esperados de um homem, conforme se evidencia nos fragmentos dos verbetes apresentados no Quadro 3.

Quadro 3. Acepções de *homem* que representam a contraparte de *fêmea*, destaque nosso

Aulete (2011)	Bechara (2011)	Borba (2011)	Houaiss (2011)
6. O que tem qualidades como força, firmeza de ânimo, coragem, vigor sexual = MACHO: <i>Ele é homem bastante para aguentar tudo isso.</i>	----	adj. 13 macho; corajoso: <i>Na hora de enfrentar os bandidos, quase sempre armados, não é bom ser muito homem.</i>	fig. indivíduo corajoso, viril

Fonte: elaborado pela autora.

Além disso, no *frame* Biológico, *mulher* aparece em oposição a *homem* e *criança*, criando um campo lexical útil para organizar as dimensões semânticas de contraste relevantes para a redação das definições dessa acepção (sexo/gênero masculino e adulto), conforme evidenciado no Quadro 4.

Quadro 4. Acepções de *mulher* em oposição a *homem* e *criança*, destaque nosso

Aulete (2011)	Bechara (2011)	Borba (2011)	Houaiss (2011)
3. Pessoa do sexo feminino, em oposição a homem 6. Adulto do sexo feminino, em oposição à criança ; mulher feita: <i>Sua filha já está uma mulher</i>	4. Mulher (1) na idade adulta	----	2. Esse ser na idade adulta

Fonte: elaborado pela autora.

Uma outra acepção que evoca, em parte, um modelo Biológico é a de *mulher* como “menina que chega à puberdade”. Aqui, temos a questão biológica da menstruação como representação da possibilidade de gerar descendentes, o que marca a transição da classificação de *menina* para a de *mulher*. Contudo, como qualquer noção de rito de passagem, essa acepção ativa um *frame* Sociocultural, pois é fácil pensar que, em outras culturas, algum outro evento poderia marcar tal passagem (por exemplo, a primeira relação sexual, o nascimento do primeiro filho ou o casamento). O item *mulher*, nesta acepção, é apresentado como sinônimo de *moça*.

Quadro 5. Acepções referentes ao modelo misto Biológico_Sociocultural, destaque nosso

Aulete (2011)	Bechara (2011)	Borba (2011)	Houaiss (2011)
5. Condição da menina que entra na puberdade	3. Adolescente que chega à puberdade	3. adolescente do sexo feminino que atingiu a puberdade; moça <i>Não me chamem de menina, já sou uma mulher</i>	----

Fonte: elaborado pela autora.

Outro modelo misto ativado pelas acepções dos dicionários é aquele em que mulher é entendida à luz dos submodelos Biológico, Sociocultural e Sexual. Nessa compreensão, *mulher* é o “ser humano do sexo feminino que não é (mais) virgem” e, conforme o exemplo apresentado por Aulete (2011) demonstra (Quadro 6), é necessário que um homem a “torne mulher”, ou seja, nessa acepção, uma pessoa só vira mulher através da ação de um homem. Com relação a esse uso, foi encontrada no *corpus* apenas uma ocorrência, referente a uma letra de uma música, portanto, descartada como um uso do item lexical.

Quadro 6. Acepções referentes ao modelo misto Biológico Sociocultural Sexual

Aulete (2011)	Bechara (2011)	Borba (2011)	Houaiss (2011)
4. Mulher (1, 3) que não é virgem <i>Ele disse que queria me fazer mulher</i>	2. Mulher (1) que deixou de ser virgem	----	----

Fonte: elaborado pela autora.

O segundo grande modelo identificado é o Social. Neste modelo, *mulher* é entendida como parte de um grupo social mais amplo, um subgrupo dentro da sociedade. Conforme as ocorrências extraídas do *corpus*, esse modelo parece perspectivar o ser humano do sexo feminino como parte da sociedade marcadamente sob um viés de reivindicação de conquista de espaço com relação à atuação, ao trabalho e à posição ocupada.

É claro que a mulher da classe média também entrou na força de trabalho, em condições e salários melhores, o que obviamente não quer dizer em igualdade com os homens da sua classe. Esta postura de respeito para com a mulher parlamentar ampliará nas novas gerações uma visão do papel da mulher e poderá estimular uma atuação maior das mulheres neste campo, ainda de tão difícil acesso para o sexo feminino

É interessante destacar que, nos dicionários avaliados, essa perspectiva explícita nas ocorrências do *corpus*, da reivindicação de um lugar igualitário na sociedade, não aparece explícita na redação das definições, mas é perceptível na redação dos exemplos (conforme destaques do Quadro 7).

Quadro 7. Acepções de *mulher* referentes ao frame Social, destaque nosso

Aulete (2011)	Bechara (2011)	Borba (2011)	Houaiss (2011)
2. O ser humano feminino como parcela da humanidade; a totalidade das mulheres: <i>É cada vez maior a participação da mulher na economia</i>	----	2. Esse ser humano considerado como parcela da humanidade <i>A sociedade atual ainda discrimina a mulher</i>	----

Fonte: elaborado pela autora.

Outro dado interessante apresentado por Aulete (2011) diz respeito às expressões *mulher pública* e *homem público*. Ambas aparecem como parte dos verbetes principais (*homem* e *mulher*) e trazem informações linguísticas juntamente a informações enciclopédicas. Os excertos dos verbetes são apresentados nos Quadros 8 e 9.

Quadro 8. Acepção de *mulher pública*, extraída do verbete *mulher*

~ **pública** Mulher que se ocupa em atividades de interesse público (e não só particulares), ou que tem cargo ou função de importância política [o termo foi muito us. com conotação pejorativa, como designação de prostituta]

Fonte: AULETE, 2011

Quadro 9. Acepção de *homem público*, extraída do verbete *homem*

~ **público** Homem que se ocupa ou se envolve em atividades de interesse público (e não em negócios exclusivamente particulares), que tem cargo ou função de importância política ou em instituições de outro tipo
[NOTA: A expressão reflete época em que mulheres raramente tinham projeção social desse tipo: a expressão mulher pública teria sentido pejorativo e se usava, inclusive, como designação de prostituta.]

Fonte: AULETE, 2011

No Quadro 8, a informação de cunho diacrônico acerca da utilização da expressão é apresentada como parte complementar da informação semântica, mesmo que, nos dias atuais, *mulher pública* não tenha mais essa acepção. O curioso é que a nota que explica mais detalhadamente a origem desse uso (“reflete época em que mulheres raramente tinham projeção social”) é apresentada de forma mais elaborada no verbete *homem*, não em *mulher*. Pelo fato de o dicionário ser sincrônico, parece questionável que tais informações sejam apresentadas pela obra. Ou seja, a única informação enciclopédica útil ao entendimento do conceito vai contra um uso atual do termo, pois traz um entendimento de “mulher que tem uma vida fora do meio familiar” como sinônimo de *prostituta*. No *corpus*, encontramos apenas um uso da expressão *mulher pública*, que está em sintonia com a definição sincrônica principal:

*O livro é uma das muitas contribuições que a veneranda educadora e **mulher pública** vem prestando ao nosso Estado, desafiando e atravessando as fronteiras do tempo, lúcida no vislumbrar horizontes*

Mesmo que não seja o foco do presente trabalho, cabe destacar que boa parte das expressões sintagmáticas trazidas pelos dicionários no verbete *mulher* tem como significado “prostituta”.

Um submodelo *Social* evocado pelas ocorrências do *corpus* diz respeito ao *frame* de *Estereótipos_Culturais* de mulher, como a beleza, o cuidado com a aparência, a delicadeza, a submissão e a dedicação à família, como demonstrado nos exemplos abaixo:

*Suponha-se que o enforcado tenha prometido reformar a casa, comprar um carro novo para a **mulher**, subir o salário da empregada e a mesada dos filhos
É muito comum ouvir coisas como ‘Não acredito que você pôde ter alguma coisa com uma **mulher** dessas: olha o cabelo dela, parece palha’*

Neste submodelo, mulher é perspectivada de duas formas distintas: Borba (2011) reforça o ponto de vista tradicional, marcado principalmente pelo uso do item *sentimento* e pelo exemplo “O rapaz sabia cuidar de uma criança como uma mulher”, reforçando o estereótipo de que a mulher é a responsável pelo trabalho doméstico e pelo cuidado com os filhos; já Aulete (2011) opta por perspectivar através de um viés de “resiliência”, citando características positivas. Assim, as obras identificam como relevantes

características de natureza completamente distinta para o *frame* Estereótipos_Culturais, como explicitado nas definições do Quadro 10.

Quadro 10. Acepções de *mulher* referentes ao *frame* Social, submodelo Estereótipos_Culturais

Aulete (2011)	Bechara (2011)	Borba (2011)	Houaiss (2011)
8. Aquela que tem tenacidade, firmeza, coragem, fibra etc.: <i>Ela é bastante mulher para enfrentar tudo isso.</i>	----	8. Aquela que reúne as qualidades e sentimentos femininos: <i>O rapaz sabia cuidar de uma criança como uma mulher.</i>	----

Fonte: elaborado pela autora.

A esse respeito, cabe destacar que diversas ocorrências do *corpus* problematizam a visão estereotipada presente em Borba (2011), como as sentenças abaixo:

*Ainda vivemos numa perspectiva de paradigma clássico: uma sociedade machista na qual o mundo privado, os problemas da casa são problemas de **mulher**
Seriam esses sentidos advindos de um certo imaginário sobre o feminino, que contém representações sobre a **mulher** como ser naturalmente indicado ao cuidado com crianças*

O modelo de *Família_Relacionamento* também fornece a base para os usos de *mulher* nos seguintes exemplos:

*Segundo seu advogado, Assis teria consumido o esteróide anabolizante clostebol involuntariamente, ao ter relações sexuais com sua **mulher**, que usava uma pomada ginecológica contendo a substância
Ela na verdade é filha de Bruno, que a abandonou após o difícil parto da **mulher**, que acabou morrendo.
E eu quero cuidar deste país com o mesmo carinho que eu cuido da minha **mulher** e dos meus filhos
E um amigo meu diz que trabalho é o que não falta na família dele: a **mulher** entrou em trabalho de parto, o filho tá cheio de trabalho de escola e a sogra foi prum terreiro fazer trabalho*

Nesses usos, *mulher* figura com outros itens lexicais que formam um pequeno campo lexical: *marido, filhos, família*, o que não é destacado nos verbetes, visto que eles mencionam apenas o parceiro conjugal. Vinculado a isso, dois dos dicionários apresentam, nas definições, *mulher* como “esposa ou companheira de um homem”. Assim, os dicionários restringem a aplicação da acepção de “companheira” para companheira exclusivamente em um casal hetero-afetivo. As acepções referentes a esse modelo são apresentadas no Quadro 11.

Quadro 11. Acepções referentes ao *frame* *Família_Relacionamento*, destaque nosso

Aulete	Bechara	Borba	Houaiss
9. Esposa ou companheira de um homem		4. esposa: <i>Marido e mulher devem comparecer à reunião</i> 5. Parceira sexual do homem: <i>O viajante tinha uma mulher em cada cidade</i>	3. Companheira conjugal; esposa

Fonte: elaborado pela autora.

Além disso, cabe destacar que há uma falta de simetria entre os termos desse conjunto, pois temos *homem-marido* e *mulher-mulher*. Mesmo que os dicionários, nos verbetes de *homem*, apresentem, sem marcação, essas acepções, o próprio exemplo de Borba (2011) já mostra que o par nesse *frame* é *marido-mulher*, não *homem-mulher*.

Quadro 12. Acepções de homem referentes ao *frame* Relacionamento, destaque nosso

Aulete	Bechara	Borba	Houaiss
12. Esposo ou amante		7. marido ou amante: <i>Ficou furiosa quando encontrou seu homem em companhia de outra.</i>	7. marido, amante

Fonte: elaborado pela autora.

Nesse sentido, parece-nos que *homem*, nessa acepção, não é neutro como *mulher*, devendo, portanto, apresentar marcação como um uso vulgar, ofensivo ou pejorativo.

Por fim, o último modelo encontrado nos usos do *corpus*, também *subframe* do modelo Social, é o que chamamos de Alijado_de_Direitos. Ele é evocado em diversas sentenças que demonstram o entendimento da mulher enquanto um ser social, mas que sofre desigualdade e discriminação. Nesses usos, encontramos diferentes expressões sintagmáticas, como *direito da mulher*, *saúde da mulher*, *discriminação contra a mulher*, *emancipação da mulher*. Além disso, outro vestígio da existência desse *frame* é a coocorrência com diferentes minorias nos exemplos extraídos do *corpus*: *direitos da mulher e da criança*, *mulher negra*, *índios*. Os exemplos abaixo explicitam tal entendimento:

*Eles poderão promover exposições, com o objetivo de levantar fundos para os abrigos e delegacias que cuidam da **mulher** e também da recuperação dos homens, e para fins educacionais nas escolas, hospitais e prisões*

*A aprovação dessa lei segue a tendência do Direito internacional, preconizada nas conferências internacionais, que delega à **mulher** a decisão de recorrer ou não ao abortamento, ao mesmo tempo em que prevê serviços de aconselhamento para que o aborto não seja considerado a única opção possível*

*Em 1973, Jaguar afirmava que em matéria de reivindicação pelos direitos da **mulher** era muito mais a Brigitte Blair, atriz que se destacava por suas formas, que a escritora Rose Marie Muraro*

*A coordenadoria registrou um aumento geral da violência contra a **mulher***

*Poderia falar da ajuda ao Nordeste, no ano passado, no período mais agudo da seca, da campanha contra a dengue, contra o trabalho do menor, contra a exploração da **mulher** e a prostituição infantil*

*Nesse documento definiu-se, pela primeira vez, o conceito de discriminação contra a **mulher**, expresso nos termos do artigo 1º da Convenção [...]*

Percebe-se, assim, que esse *frame* bastante relevante não é destacado nos verbetes dos dicionários.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise do verbe *mulher* presente em dicionários Tipo 4, percebemos que as obras apresentam uma rede léxico-conceitual que reproduz características estereotipadas e explicitam conceptualizações que estão em desacordo com os papéis sociais e as expectativas atuais sobre a representação feminina.

Diversas acepções que deveriam apresentar marcações semânticas não estão marcadas nas obras, de forma que as informações acabam sendo insuficientes para a caracterização de *mulher*.

Nossos resultados demonstram também a importância da relação entre língua e mundo, pois evidenciam a maneira como questões sociais fazem pressão na estrutura linguística, como o exemplo de *mulher* enquanto possível companheira de outra mulher e não apenas de um homem. Por fim, as análises destacam a relevância de se identificar e compreender os modelos que fornecem a base para o entendimento dos itens lexicais, principalmente em se tratando de obras de referência voltadas a um público escolar. É necessário deixar claro para os estudantes em formação que a linguagem nunca é neutra e que é a partir da própria linguagem que construímos e representamos o mundo.

REFERÊNCIAS

- AULETE, Caldas; VALENTE, A. L. S. *Aulete digital: Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2006.
- BECHARA, E. *Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BORBA, F. S. *Dicionário Unesp do português contemporâneo*. Curitiba: Piá, 2011.
- BRANGEL, L. M. Contribuições para a Lexicografia Pedagógica a partir de dados extraídos de livros didáticos. *Estudos da Língua(gem)*, v. 11, n. 2, p. 43-61, 2013.
- BRASIL. *Com Direito à Palavra: dicionários em sala de aula*. Autor: E. O. Rangel. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília, DF: MEC, 2018.
- CORREIA, M. A discriminação racial nos dicionários de língua: tópicos para discussão, a partir de dicionários portugueses contemporâneos. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 50, n. 2, 2006.
- FILLMORE, C. Frame semantics. In: Geeraerts, Dirk. *Cognitive linguistics: Basic readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p. 373-400, 2006.
- GEERAERTS, D. A rough guide to Cognitive Linguistics. In: Geeraerts, Dirk. *Cognitive linguistics: Basic readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p. 1-28, 2006.
- GEIGER, P. (org.). *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. A relevância da noção de perspectivização conceptual (construal) no âmbito dos estudos do texto e do discurso: Teoria e análise. *Letras, Santa Maria*, v. 27, n. 54, p. 69-100, 2017.
- G1, n. d. *Dicionário Michaelis muda verbete de casamento após pressão online* <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/07/dicionario-michaelis-muda-verbete-de-casamento-apos-pressao-online.html>> Acessado em: 28/08/2019.
- HARTMANN, R. R. K.; JAMES, G. *Dictionary of lexicography*. London/New York: Routledge, 1998.
- HOUAISS, A. (org.); VILLAR, Mauro de Salles (ed. resp.). *Dicionário Houaiss conciso*. São Paulo: Moderna, 2011.
- HUMBLÉ, P. Um começo de conversa. In: Xatara, C.; C. R. Bevilacqua e P. R. M. Humblé (orgs.). *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola, 2011.
- KRIEGER, M. G. Da prática significante lexicográfica. *Organon: revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, n. 23-24, p. 211, 1995.
- LAKOFF, G. Cognitive models and prototype theory. In: Margolis, E. e S. Laurence (orgs.). *Concepts: Core Readings*, Cambridge/London: MIT Press. p. 391-421, 1999.
- LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things*. Chicago/London: UCP, 2008.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago/London: UCP, 1980.
- LANGACKER, R. W. Cognitive Grammar. In: Dirk Geeraerts; Hubert Cuyckens (orgs.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, p.139-169, 2007.
- LINGUATECA, n. d. <<http://linguateca.pt/>>. Acessado em 28/08/2019.
- MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Cultural. 1998.
- MICHAELIS ONLINE. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Dicionário online Uol. São Paulo: Melhoramentos, 2009.
- PONTES, A. L.; DOS SANTOS, H. L. G. A representação do homem e da mulher no Dicionário de Usos do português do Brasil. *Linha D'Água*, v. 27, n. 2, p. 123-140, 2014.

- PRIBERAM, n. d. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. <<http://www.priberam.pt/dlpo>>. Acessado em 04/09/2019.
- SARDINHA, T.; MOREIRA FILHO, J. L.; ALAMBERT, E. *Corpus Brasileiro*, 2010. Disponível em: <<http://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CBRAS>>. Acessado em: 28/08/2019.
- TEIXEIRA, M. C. *O dicionário nas políticas públicas de avaliação de livros didáticos no Brasil*. 229f. Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: 2021.
- THE INTERCEPT, n. d. *Primeira advogada trans negra do MS: ‘Todo mundo gosta de travesti na esquina, não na universidade’*. <<https://theintercept.com/2019/09/05/primeira-advogada-trans-do-ms-todo-mundo-gosta-de-travesti-na-esquina-nao-na-universidade/>> Acessado em: 15/11/2019.
- VERHAGEN, A. Construal and perspectivisation. In: Dirk Geeraerts; Hubert Cuyckens (orgs.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, n. 1, p. 48-81, 2007.

Recebido: 15/3/2020
Aceito: 4/5/2022
Publicado: 11/8/2022